

ZELLER, Guillaume. *O pavilhão dos padres. Dachau 1938-1945*. São Paulo: Contexto, 2018, 240p. ISBN: 978-85-520-0046-4.

Não é novidade que os cristãos foram vítimas constantes de perseguição em todas as eras. O covarde massacre de Herodes encontrou eco nos milhões de mártires da Roma Imperial e das hordas bárbaras que a sucederam. O terror antirreligioso da Revolução Francesa foi repetido no século XX, com inúmeros cristãos inocentes assassinados por regimes totalitários.

Era difícil imaginar que na Europa, berço da civilização ocidental, depois de tantos desenvolvimentos – reais ou imaginários –, pudesse nascer uma catástrofe ainda maior contra os seguidores do Crucificado. Foi precisamente o que aconteceu com a pouco conhecida perseguição anticatólica empreendida pelo nazismo.

O livro do jornalista francês traz apenas um recorte da carnificina do regime hitleriano, isto é, concentrando-se em alguns episódios envolvendo 2.579 clérigos, religiosos e seminaristas confinados no campo de concentração protótipo de Dachau (próximo a Munique, Alemanha) entre 1938 e 1945. A contagem se eleva muito mais se forem considerados aqueles que sequer chegaram ao local, mortos por inanição durante o percurso.

A narrativa é baseada nos próprios relatos oferecidos pelos sacerdotes encarcerados e em livros clássicos sobre o assunto. Com efeito, Zeller, num estilo

atraente, leve e ao mesmo tempo sério, consegue imergir o leitor na atmosfera lúgubre da prisão, com pormenores que tomam grande significado numa perspectiva cristã. Para contextualizar, cada capítulo é precedido por uma passagem da Escritura que o resume de alguma forma.

Como na época das primeiras perseguições cristãs, os eclesiásticos condenados aos campos de concentração eram considerados presos políticos (crime de lesa-pátria) pelo Terceiro Reich. Na prática, muitos deles eram encarcerados por oposição às práticas perversas do nacional-socialismo, como a eugenia, o antissemitismo, ou simplesmente por ouvir confissões de poloneses (considerados “sub-humanos” pela ideologia nazista). Muitos sacerdotes foram aprisionados pela onipresente Gestapo após pronunciarem sermões desfavoráveis ao regime; outros ainda, por razões desconhecidas. O campo de concentração de Dachau possuía 30 pavilhões, dos quais dois ou três foram destinados exclusivamente para eclesiásticos católicos.

Os episódios relatados por Zeller são impressionantes e surpreendentes. Apenas mencionamos alguns deles, procurando evitar *spoilers*:

1) Se contarmos o número de eclesiásticos presos ao mesmo tempo e

mortos num espaço proporcionalmente reduzido, Dachau se constituiu no maior “mosteiro” e o maior cemitério de sacerdotes do mundo.

2) Devido à variedade de nacionalidades entre os clérigos, a língua franca entre eles era com frequência o latim, inclusive para os retiros, conferências e sermões improvisados (e também para dissimular conversas à revelia dos guardas).

3) Os relatos de desumanização são também marcantes. A ideologia nazista permeava as atitudes da guarda SS, organizada por Himmler para os campos de concentração. Nesse sentido, os presos eram tratados como *Stück* (coisa, pedaço) ou um “número de chamada”, e constantemente humilhados. Os padres ainda sofriam escárnios e violências físicas por conta de sua religião. Por exemplo, durante a Semana Santa de 1942, o sadismo antirreligioso levou os guardas a recriar a cena da Paixão por meio da tortura aos padres de Dachau. Entre as penas infligidas, recordam-se: a coroação com arame farpado, a coação dos judeus a espancá-los e cuspi-los, carregar objetos pelo campo como paródia da Paixão de Jesus e, finalmente, crucificá-los por meio de içamento pelos pulsos e pelas costas (cuja dor era lancinante).

4) Entre outros infortúnios, os habitantes daquele limbo eram alvo de fome extrema, precárias condições de higiene (alguns eram enviados para

a câmara de gás para “desinfecção”), epidemias de tifo, disenterias constantes, envenenamento, etc. As enfermarias, que serviam praticamente como salas de tortura e prenúncio da morte, eram frequentadas pelos sacerdotes que arriscavam suas vidas para ministrar os sacramentos.

5) Todos os sacramentos foram ministrados em Dachau, com exceção do matrimônio. Os batismos ocorriam algumas vezes, graças a conversões de judeus no campo. As missas eram celebradas numa capela autorizada pelo regime em acordo com o núncio na Alemanha, mas apenas por alguns padres. Outros celebravam de modo camuflado nos pavilhões ou mesmo nos campos, fingindo trabalhar na terra. Houve inclusive uma surpreendente ordenação sacerdotal do jovem diácono Karl Leisner, após cinco anos de espera no campo, pelas mãos do bispo recém-chegado de Clermont-Ferrand, Dom Piguet. Esse belo episódio, apesar de clandestino, foi celebrado com toda solenidade e segundo todas as rubricas. A narração é sem dúvida a mais tocante do livro. Uma verdadeira “vingança” de Deus – nas palavras do bispo ordenante – ante os pecados infligidos contra o sacerdócio naquela antessala do inferno.

6) Por fim, muitos prisioneiros foram beatificados em diversas ocasiões pelos últimos pontífices.

O livro ainda levanta indiretamente uma questão de fundo: por que tanta

crueidade contra clérigos inocentes? Alguns daqueles imitadores de Cristo poderão certamente afirmar que houve uma real carga diabólica em todo empreendimento hitleriano, conforme as denúncias de sadismo gratuito relatadas no livro. Por outro lado, Hitler, com todo o seu poderio bélico, não triunfou no sonhado Reich que, segundo ele, duraria mil anos, ao passo que a Igreja, a

Barca de Pedro, continua incólume após tantas intempéries. Como explicar esse fenômeno? Dom Piguet, o bispo francês que ordenou Leisner, talvez responderia, gracejando: eis mais uma “vingança” de Deus. E se é assim, eis mais uma misericórdia d’Ele para com os homens.

Felipe de Azevedo Ramos, EP
(Professor – IFAT)